



UNIBALSAS
Faculdade de Balsas

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo¹

PILLATT, Libera Raquel Bazzan²

A PRÁTICA EDUCATIVA EM DIÁLOGO COM A PERSPECTIVA PEDAGÓGICA DA AUTONOMIA

Resumo: O tema central do artigo é a reflexão sobre a própria prática educativa, balizada pela perspectiva epistemológica da pedagogia da autonomia. Sob o ponto de vista teórico, a obra 'Pedagogia da autonomia' de Paulo Freire é a referência principal da análise do cotidiano docente. O objetivo central do estudo consiste, assim, no repensar a própria prática educativa com base na perspectiva teórica freireana, visando qualificar aos educadores e ao processo educativo como um todo. Teoria e prática em diálogo são problematizados, favorecendo a construção de didáticas pedagógicas inovadoras, contribuindo para a resolução de desafios da formação docente. A metodologia é baseada, por um lado, na revisão bibliográfica e, por outro lado, na análise da própria prática educativa. Ao final, é percebido que ao repensar a prática cotidiana docente a partir da perspectiva epistemológica da pedagogia da autonomia, mudamos nossa percepção e prática da educação, acreditando, também, que, com esta experiência, seja possível influir positiva e amplamente no processo de formação.

Palavras-chave: Educação; Docência; Teoria Freireana; Autonomia; Prática educativa.

Abstract: The central theme of this article is the reflection on the educational practice, marked by the epistemological perspective of the pedagogy of autonomy. The book 'Pedagogy of autonomy' by Paulo Freire is used in this work as reference to analysis of teaching. The main objective of this study is to rethink the educational practice itself based on the Freirean theoretical perspective, aiming at qualifying educators and the educational process as a whole. The Theory and practice are problematized, favoring the construction of innovative pedagogical didactics, contributing to the resolution of the challenges of teacher education. The methodology used is based on the bibliographical review and the analysis of the educational practice itself. Therefore, it is perceived that by rethinking the daily teaching practice from the epistemological perspective of the pedagogy of autonomy, we change our perception and practice of education, believing also that with this experience, it is possible to influence positively and broadly in the process of teacher formation.

Keywords: Education; Teaching; Freirean Theory; Autonomy; Educational practice.

1. INTRODUÇÃO

Enquanto educadoras e educadores, somos desafiados cotidianamente a pensar sobre nossas práticas e/ou experiências educativas. Da ação e da reflexão emerge o duplo sentido de ensinar e aprender, em que tanto 'ensinantes' quanto 'aprendentes' ensinam e aprendem ao mesmo tempo. Não significa aqui minimizar o conhecimento docente, mas sim, reconhecer que em uma sociedade republicano-democrática,

¹Paulo Alfredo Schönardie é licenciado em História e mestre em Educação nas Ciências pela Unijuí e doutor em Ciências Econômicas e Sociais (Dr. phil.) pela Universität Hamburg – UHH – na Alemanha. Atua como professor colaborador com bolsa PNPd/Capes no Programa de Pós-Graduação em Educação nas Ciências – Mestrado e Doutorado da Unijuí. É pesquisador no Grupo de Estudos de Educação Popular, Movimentos e Organizações Sociais – Geep/CNPq.

²Libera Raquel Bazzan Pillatt possui graduação em Ciências Contábeis pela Unibalsas e Mestrado em Educação nas Ciências pela Unijuí. Atua como professora na Unibalsas. É integrante do Grupo de Estudos de Educação Popular, Movimentos e Organizações Sociais – Geep/CNPq.

também no processo educativo se necessita levar em consideração todos os sujeitos envolvidos na aprendizagem. Nessa conjuntura, o protagonismo da professora, do professor é transferido da prática autoritária para o reconhecimento da centralidade dos estudantes/aprendentes/ensinantes, ou seja, todos os participantes do processo educativo são nivelados em diálogo. A reflexão construtiva sobre a própria prática educativa não é, entretanto, algo que se dá de forma automática, mas sim, precisa ser construída. Esta construção pode se dar pela ponderação da prática educativa, balizada pela perspectiva epistemológica da pedagogia da autonomia, o que passa a ser o cerne da reflexão aqui introduzida. Ou seja, nós educadores estamos propondo pensar historicamente nossas atividades cotidianas a partir de um balizamento pela matriz teórica freireana. Não hesitamos em afirmar que o avanço e a melhoria da educação passam pela premência de educadoras e educadores refletirem sobre seu objeto de trabalho.

No ano de 1845, na terceira tese sobre Feuerbach, Marx (1990, p. 5-6) escreve que “os educadores também precisam ser educados³. Depois de quase dois séculos Morin (2014, p. 1) também enfatiza, afirmando que é preciso educar os educadores. Numa perspectiva bancária da educação (FREIRE, 1975), professores e professoras estariam completamente prontos para educar logo ao concluir seu curso superior. Estudo de Schönardie (2008, p. 34), contudo, evidenciou que ao se concluir curso superior e/ou mestrado e/ou doutorado em áreas não focadas em processos pedagógicos, não se está preparado para a docência. Nem mesmo os formandos dos cursos de pedagogia e demais licenciaturas estão ‘prontos’ de forma definitiva para ser educadoras e educadores. Novos desafios, novos temas, e novas realidades surgem cotidianamente na práxis educativa (SCHÖNARDIE, 2015, p. 143-145). A supracitada afirmação de Marx (1990) e Morin (2014), de que é preciso educar os educadores, alça para a formação continuada, para o constante repensar, para o ponderamento da prática educativa do dia a dia. Educadores e educadoras estão, assim, desafiados a refletir constantemente

sobre sua prática. Esta ponderação da práxis remete à construção de saberes necessários à prática educativa (FREIRE, 2014). Neste contexto, Freire propõe a ‘pedagogia da autonomia’, que pode passar a ser a base teórica do questionamento e da (re-)construção da experiência e da prática educativa.

O objetivo central deste estudo está em repensar a própria prática educativa com base na perspectiva epistemológica da pedagogia da autonomia freireana. Por isso a obra ‘Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa’, de Paulo Freire, é nossa referência teórica básica. No centro da análise, está assim, a ponderação de nossos ‘atos’ de docência, com os quais contribuimos para ‘formar’ professoras e professores. Queremos assim nos reeducar como educadores, e quiçá possamos com as palavras aqui redigidas, servir de alento ao processo contínuo de formação de formadores. Entendemos que assim, possamos contribuir na análise e reflexão sobre a formação docente inicial e continuada e, desta maneira, aprofundar conhecimentos sobre atuação profissional, identidade e dimensões éticas de processos de ensinar e de aprender. Acreditamos assim, contribuir com os desafios da docência. Certamente se trata de uma maneira de favorecer a ação didática pedagógica inovadora, problematizando saberes inerentes às práticas educativas, a partir de uma releitura dos teóricos da educação, e aqui especificamente, a teoria freireana da pedagogia da autonomia.

Metodologicamente orientamos nossa pesquisa, por um lado na revisão bibliográfica, com centralidade na obra ‘Pedagogia da autonomia’ de Paulo Freire. E por outro lado, com base nesta perspectiva teórica, objetivamos analisar nossa própria prática educativa. Teoria e prática entram assim em um processo dialógico e reflexivo.

2. UMA ANÁLISE COM BASE NA PEDAGOGIA DA AUTONOMIA

Na obra ‘Pedagogia da autonomia’, Paulo Freire (2014) remete as leitoras e os leitores a realizarem análises críticas de suas práticas edu-

³Tradução livre da obra original de Karl Marx: “[...] der Erzieher selbst erzogen werden muß.” (MARX, 1990, p. 5-6).

cativas. Pensar criticamente no âmbito educativo significa levar em consideração a curiosidade, o conhecimento recíproco entre docentes e discentes, ir para além de conteúdos programáticos e de manuais tácitos, ou da transmissão simples e mecânica de informações. Se buscarmos, entretanto, em nossa memória, muitos dos momentos em que estivemos em sala de aula na condição de docentes, sobretudo em nossas primeiras experiências como professores, percebemos que nem sempre estivemos preparados no sentido pedagógico da autonomia. A reflexão nos leva, hoje, a admitir que também fomos autoritários e bancários em nossa prática da docência. Professores e professoras recém-concluintes do ensino superior, na maioria das vezes, não possuem muito mais do que curtos estágios de docência. E ao se depararem com o cotidiano do trabalho escolar e universitário, passam, de uma hora para a outra, a ser responsáveis por turmas que por vezes possuem mais que 50 estudantes, além de haver uma ementa disciplinar indicando conteúdos para serem trabalhados em um número reduzido de horas-aula. Essa é uma realidade dura para recém 'formados' praticamente sem experiências pedagógicas. Nessa conjuntura, premidos pela realidade, recorreremos muitas vezes a formas autoritário-bancárias de ensino.

Numa perspectiva autoritário-bancária de educação, o centro de todo o processo educativo está no professor. Paulo Freire, no entanto, nos ensina que

não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (FREIRE, 2014, p. 25).

O reconhecimento dos discentes como sujeitos ativos dos processos educativos é a primeira condição para a construção de um ambiente escolar que permita autonomia tanto na aprendizagem quanto no ensino. Certamente o domínio antecipado dos conteúdos por parte dos professores e das professoras continua como pré-condição para o ensino, e é com este conhecimento

prévio que a educação jamais deixará de ser um processo de intervenção, e esta preferencialmente na zona de desenvolvimento proximal dos estudantes (VYGOTSKY, 2000). A partir de conhecimentos teóricos prévios é função dos educadores e das educadoras provocar a curiosidade nos discentes. Aguçando e permitindo a curiosidade dos estudantes durante o processo educativo, estes vão se tornando sujeitos protagonistas nos espaços pedagógicos, vão construindo sua autonomia. Para Freire, a junção entre a curiosidade ingênua e o saber acumulado historicamente, e mediado pelos docentes, "implica o respeito e o estímulo à capacidade criadora do educando" (FREIRE, 1996, p. 33). Pela teoria que a curiosidade vai se tornando mais e mais rigorosa, passando para o estágio que Freire (1996, p. 32) chama de curiosidade epistemológica. Assim se torna evidente que

o que importa, na formação docente, não é a repetição mecânica do gesto, este ou aquele, mas a compreensão do valor dos sentimentos, das emoções, do desejo, da insegurança a ser superada pela segurança, do medo que, ao ser 'educado', vai gerando a coragem (FREIRE, 2014, p. 45).

Quando percebemos que os estudantes e que também nós educadores somos sujeitos com sentimentos e não meros transmissores ou receptores de conteúdos, começamos a ponderar nossa prática educativa. Obviamente que a práxis nos levou a uma inquietação, mas somente após nos apropriarmos da perspectiva pedagógica popular da pedagogia da autonomia que conseguimos refletir de forma mais crítica e consistente, e, ao mesmo tempo mudar significativamente nosso cotidiano escolar. Hoje percebemos que escutar colegas e estudantes é parte integrante e primordial do ato educativo. Passamos assim a ter um comprometimento muito maior com a educação. Nesse sentido,

comprometer-se com uma educação crítica e libertadora obriga a investigar em que medida os objetivos, os conteúdos, os materiais curriculares, as metodologias didáticas e os modelos de organização escolar respeitam as necessidades dos distintos grupos sociais que convivem em cada

sociedade (SANTOMÉ, 2013, p. 9).

Professoras e professores passam a ser pesquisadoras e pesquisadores. O professor pesquisador “é aquele que busca conhecer a realidade concreta com os ‘alunos’, ensinando a partir dessa realidade” (SCHÖNARDIE, 2008, p. 42). Estamos aqui em consonância com Freire, que defende que precisamos “saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (FREIRE, 2014, p. 47). Acabamos por perceber que também somos seres inacabados e quando nos reconhecemos como inacabados, vimos que temos muito a aprender com os educandos e as educandas. “É na inconclusão do ser, que se sabe como tal, que se funda a educação como processo permanente. Mulheres e homens se tornaram educáveis na medida em que se reconheceram inacabados” (FREIRE, 2014, p. 57).

Com o reconhecimento de nosso inacabamento, entendemos o que Freire (2014) quis dizer quando indicou que ensinar exige humildade e tolerância. Paulo Freire (2014) também escreve que o ensinar exige rigorosidade metódica, pesquisa, respeito aos saberes dos estudantes, criticidade, estética e ética, corporificação das palavras pelo exemplo, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação, reflexão crítica sobre a prática, reconhecimento e a assunção da identidade cultural, consciência do inacabado, bom-senso, humildade tolerância e luta em defesa dos direitos dos professores, apreensão da realidade, curiosidade e exige a convicção de que a mudança é possível.

Mudamos nossas atividades de docência, procuramos agora fazer assim como Freire:

é assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre de esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos (FREIRE, 2014, p.70).

Começamos nossa prática educativa com

praticamente nenhuma experiência pedagógica. Erramos, ou seja, também utilizamos práticas autoritário-bancárias. Inquietamo-nos com essas nossas primeiras experiências de sala de aula. Buscamos uma matriz epistemológica pela pedagogia da autonomia para ponderar nossa prática. Hoje, os espaços escolares em que atuamos certamente não são perfeitos pedagogicamente, mas temos a convicção de que já avançamos na construção de saberes pedagógicos com os quais praticamos autonomia discente e docente. Mas, cientes, entretanto, do inacabamento, ainda vislumbramos longo caminho em que nossas práticas precisam ser constante e cotidianamente reconstruídas.

Essa reconstrução segue profundamente marcada pela obra de Freire. Ela se dá pela matriz epistemológica popular de uma pedagogia que prima pelo diálogo. Para Boff (2014, p. 9), “toda a pedagogia de Paulo Freire é uma permanente dialogação das pessoas entre si e de todas com a realidade circundante em vista de sua transformação”. Por isso que aprendemos uns com os outros no processo educativo. E nesse sentido que nos fazemos parceiros na construção coletiva de nossa história, numa caminhada pela concepção da educação popular.

3. CONSIDERAÇÕES

Propusemos repensar nossa própria prática educativa. O ponto de partida foi a inquietação surgida em nosso cotidiano escolar e docente. Buscamos a aproximação teórica com a perspectiva pedagógica e popular da pedagogia da autonomia. E esse exercício de aprofundamento teórico nos proporcionou não somente repensar nossa prática educativa, mas concomitantemente mudar nossa atuação junto aos discentes. Ponderamos assim nossos ‘atos’ de docência e pela perspectiva epistemológica da pedagogia da autonomia. E ao nos aproximarmos desta epistemologia educativa, reeducamo-nos. Acabamos por nos reconhecer inacabados e como tal cientes do protagonismo histórico e social dos estudantes, o que fez com que agora nossas aulas tenham para além do ponto de chegada, também o ponto de

partida no cotidiano discente.

Também levantamos inicialmente o desejo, de que a nossa reflexão pudesse servir de alento para o processo contínuo de formação de formadores. Este objetivo está apenas parcialmente atendido. Certamente, na condição de formadores de formadores, repassamos aos licenciandos e as licenciandas, que agora percebemos como protagonistas na formação de formadores, nossa perspectiva da ponderação da própria prática educativa pela pedagogia da autonomia. Mas continuamos a sonhar, que quiçá possamos influir também os demais leitores a partir das palavras lançadas ao seu crivo. Na difusão deste debate, certamente há potencial de resolução de desafios da formação inicial e continuada de professoras e professores e para a mudança de suas práticas, favorecendo inovações pedagógicas em um caminho em que os sujeitos sociais participantes dos processos educativos possam construir sua história na condição de protagonistas.

4. REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. Prefácio. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 21. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 49. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

MARX, Karl. **Marx Engels Werke**. Band 3. Berlin: Dietz Verlag, 1990.

MORIN, Edgar. É preciso educar os educadores. In: **O Globo**. Agosto 2014. Disponível em [http://www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-](http://www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores)

[ta-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores](http://www.fronteiras.com/entrevistas/entrevista-edgar-morin-e-preciso-educar-os-educadores)
Acesso em 12 jul. 2015.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Currículo Escolar e Justiça Social**. O cavalo de troia da educação. Tradução de Alexandre Salvaterra. Revisão Técnica de Álvaro Hypólito. Porto Alegre: Penso, 2013.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. Educação do campo. Desafio à pedagogia. In: MARTINAZZO, Celso José; WESCHENFELDER, Noeli Valentina. (Org.). **O curso de pedagogia da Unijuí e suas interfaces**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2015.

SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo. Prática e reflexão na docência do ensino superior. Formação de Professores(as)/Pesquisadores(as)? In: SCHÖNARDIE, Paulo Alfredo; MEZALIRA, Sandra Mara; MARTINAZZO, Celso José. (Org.). **Estágio de docência na graduação**. O desafio da formação de professores. Ijuí: Ed. Unijuí, 2008.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.